

## **“Hay que ahorrar”:** notas iniciais sobre as transformações econômicas em *casas de renta*, em Camagüey (Cuba)<sup>1</sup>

Juliana Silva Chagas (UnB/DF)

**Palavras-chave:** Transformações econômicas em Cuba. Economia do *ahorro*. Turismo internacional em *casas de renta*.

### **Nota introdutória: itinações**

A realização da minha pesquisa em Camagüey se deveu a muitos fatores próprios à pesquisa científica (GOLDENBERG, 2011), associados à bricolagem, a artesanaria que faz parte da pesquisa antropológica, na qual escolhas teóricas vão se entrelaçando com as possibilidades e os limites da pesquisa de campo e da trajetória dos sujeitos relacionados a esta (LÉVI-STRAUSS, [1989] 2008). Assim, ao definir que estudaria o tema das transformações econômicas que já observava há certo tempo, o tipo de trabalho empreendido por pessoas que precisavam manejar economias domésticas e do negócio, a participação nas atividades do Laboratório e Estudos de Economias e Globalização (LEEG) e sua tradição no estudo das tensões econômicas na contemporaneidade, dentre outras, sob a ótica do turismo local e internacional em uma ilha, interessei-me em analisar o contexto do turismo internacional pós-pandemia da Covid-19. Este era um setor que estava sofrendo intensas transformações resultantes das medidas de contenção da pandemia, dentre elas, a restrição da mobilidade interna e externa, a retenção dos fluxos migratórios e turísticos e o fechamento das fronteiras.

Assim, ao entrar em contato com o professor Gerson Herrera, atual coordenador do Centro de Estudios Multidisciplinarios del Turismo - Centur, da Universidad de Camagüey “Ignacio Agramonte Loynaz”, que seria meu anfitrião na pesquisa em Cuba, este me sugeriu que realizasse pesquisa de campo na cidade de Camagüey, capital da província de mesmo nome, localizada na zona rural e na região central do país, sendo esta a sua maior província em extensão. Gerson argumentou que, embora não fosse um destino turístico conhecido internacionalmente, havia muitas *casas de renta*, em sua maioria localizadas no centro histórico, recebia uma quantidade considerável de turistas anualmente e não havia nenhuma pesquisa sobre elas e seus trabalhadores até então.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024).

Ao realizar um primeiro levantamento bibliográfico a partir do tema das *casas de renta* sob a ótica da antropologia, constatei que o tema já havia sido analisado intensamente em *ciudades de paro*<sup>2</sup>, como em Havana e Viñales (SIMONI, 2018), no entanto, as *ciudades de paso* não apareceram como ponto de atenção até aquele momento. Além de atravessamentos com outros setores não estatais, baseados nos *cuentapropistas*, como em *paladares* (restaurantes) (SCARPACI, 1995), escolas de dança voltadas para turistas (RUXANDRA, 2021), barbearias e salões de beleza (LARA, 2008).

Além disso, Camagüey é uma cidade cujo centro histórico, propositalmente construído em formato de labirinto, visual e estruturalmente conservada, é patrimônio cultural da humanidade, tombado pela UNESCO desde 1988, com uma malha ferroviária destinada ao turismo museológico, caracterizando o tipo de turismo histórico-cultural que desperta interesse em uma parcela significativa dos visitantes de Cuba.

O encadeamento dessas situações possibilitou o cenário ideal para a realização desta pesquisa em Camagüey. Analisei como se desenvolve a atividade turística a partir do trabalho desenvolvido nas *casas de renta* destinadas a turistas estrangeiros, favorecendo-me da lacuna referente a pesquisas etnográficas nesse contexto, e, ainda mais no que se refere às *ciudades de paso*, nas quais não identifiquei a realização de nenhuma pesquisa do tipo. Ainda mais quando analisamos o contexto pós-pandemia, em que houve uma série de deliberações econômicas do governo cubano com relação às atividades turísticas e demais cadeias produtivas correlatas.

Me chamou atenção que Cuba conseguiu manter níveis exemplares de contenção da transmissão da Covid-19, com uma medida radical, o fechamento total das fronteiras da ilha e, com isso, a paralisação da atividade turística, inclusa aquela praticada por trabalhadores por conta própria, os *cuentapropistas* (VASCO, 2023). Segundo o entendimento do Anuario Estadístico de Cuba 2021, elaborado pela Oficina Nacional de Estadística e Información (ONEI, 2022):

Trabajadores por cuenta propia [cuentapropistas]: Son aquellos trabajadores que son o no propietarios de los medios y objetos de trabajo no están sujetos a un contrato de trabajo con personas jurídicas, están registrados en la Oficina Nacional de Administración Tributaria (ONAT) donde pagan sus impuestos conforme a lo establecido por la legislación vigente. (ONEI, 2022, p. 166).

Essa categoria de trabalho autônomo foi implementada a partir de 1993 pelo

---

<sup>2</sup> Mais adiante no texto estabeleço o que significa *ciudad e paro* e *ciudad de paso*.

Decreto-Ley n. 141/1993, foi regularizado como modalidade de trabalho privado pelo governo cubano, e, posteriormente, aplicado ao setor turístico em 1997, visando “dinamizar a economia”, pela ação de transferir para o trabalhador seus meios de obter ganhos e enxugar os gastos estatais com a manutenção dos empregos na ilha, pois estes eram totalmente providos e controlados pelo Estado, até então (SACCHETTI, 2009.).

Assim, ao longo das décadas de 1990 e 2000, houve a transferência progressiva de cerca de 500 mil trabalhadores dos setores de funcionamento estatal para o setor privado. Tratava-se de funcionários do estado que passaram a trabalhar por conta própria em funções que movimentavam o setor econômico primário, como mecânicos, cabeleireiras, comerciantes de alimentos e bebidas. Em 1997, o setor turístico privado, das chamadas *casas particulares*, *casas de renta* – ou simplesmente *renta* –, passou a compor esse regime de trabalho (*Ibd.* 2009).

As *casas de renta* são espaços direcionados ao turismo privado, internacional ou nacional<sup>3</sup>, por meio da oferta de serviços de hospedagem e alimentação, diferenciando-se por possibilitar grande proximidade entre os residentes da casa e os hóspedes. As *casas de renta* são adaptadas para oferecerem habitações em condições definidas pelo *Ministerio de Turismo* (Mintur), em associação com o *Ministerio de Interior* (Minint), *Oficina Nacional de Administración Tributaria* (ONAT) e *Oficina del Historiador*, e materializadas através da relação entre os trabalhadores da *casa* e os turistas.

Desse modo, os *cuentapropistas* eram o símbolo ideal para atrair turistas estrangeiros para as *casas de renta* cubanas e as *casas de renta*, para atrair turistas estrangeiros para as cidades cubanas, por personificar, por meio do amálgama casa-negócio, sua historicidade, pela conservação arquitetônica das construções históricas em que eram construídas as *casas* e sua decoração familiar, pela cultura alimentar que podia ser vivenciada nas *casas*, e, sobretudo, pelo imaginário revolucionário, socialista e da curiosidade em torno do modo de viver do cidadão cubano nesse sistema (SIMONI, 2017).

---

<sup>3</sup> As *casas de renta* são subdivididas em nacionais e internacionais. O contexto da pesquisa se deu nas *casas* direcionadas aos turistas estrangeiros, isto é, as *casas de renta* internacionais. As *casas de renta* nacionais são de uso exclusivo de cubanos, chamados de *nacionais*, independentemente de tratar-se de um *nacional* residente ou emigrado. Os cubanos emigrados podem se hospedar nas *casas de renta* internacionais, mas não é comum, pois, para eles, o valor da diária nas *casas* nacionais é bem mais baixo do que nas internacionais. Além disso, nas *casas* nacionais as diárias são cobradas em CUP, enquanto nas internacionais, são em dólar ou euro.

### **Nota 1: *ciudades de paro e ciudades de paso***

O período do ano em que realizei a pesquisa de campo, entre abril e agosto de 2023, refere-se à baixa temporada da atividade turística, que vai do mês de abril até o mês de outubro, não somente na província de Camagüey, mas em todo o país, incluso nas cidades consideradas pelo Estado como polos turísticos<sup>4</sup>.

Tal período de estadia compreende o primeiro ano demarcado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como pós-pandemia, em que a Covid-19 foi considerada uma doença controlada, embora ainda haja intercorrências chamadas de “ondas” de maneira localizada. Esse dado é importante na medida que demarca a abertura total das fronteiras dos países, em especial de Cuba, o início da regularidade de trânsitos internacionais, a desobrigação do uso de máscaras hospitalares e da exigência de testes de detecção da Covid-19, em suma, a retomada da atividade turística internacional.

Em Cuba, a atividade turística internacional é considerada um interesse social e econômico e uma base salutar para o desenvolvimento de outras cadeias produtivas em todo o país, sobretudo nas províncias e cidades em que operam as empresas turísticas e atividades econômicas ligadas ao setor não estatal do turismo (MINISTERIO DEL TRABAJO Y SEGURIDAD SOCIAL, 2023), como as *casas de renta*.

As empresas estatais de turismo atuam mais intensamente nos polos turísticos – em suma, aquelas cidades, como, por exemplo, Havana, Viñales, Santiago de Cuba e Varadero, que possuem projeção internacional como destinos turísticos consolidados – e também naquelas que funcionam como ponto de união entre os polos turísticos. Devido ao formato geográfico e à extensão do país, as rotas turísticas precisam incluir paradas estratégicas para descanso ou alimentação, por um turno do dia ou para um pernoite na região.

Sendo assim, a nomenclatura não oficial dada pelos habitantes e operante na linguagem diária é a divisão entre *ciudades de paro e ciudades de paso*. Em Camagüey, as entrevistas com os trabalhadores das *casas de renta* e com a delegada do Mintur, Yunesky González, como também as conversas informais com colegas da universidade, evidenciaram um desejo local, de habitantes relacionados ou não – direta ou indiretamente – com a atividade turística, que Camagüey passe a ser considerada *ciudad*

---

<sup>4</sup> Un lugar geográfico diseñado para exponer un amplio conjunto de actividades coherentes, que permitan caracterizar en un conjunto de atractivos turísticos, bellezas y cuidado del entorno, infraestructura, equipamiento, servicios y organización, orientados a producir actividades de forma recreativa, con alcance turístico para lograr la satisfacción del cliente (ONEI, 2022, p. 317).

*de paro*. Isso porque há o reconhecimento entre os habitantes dos valores histórico e cultural que deveriam ser a base estrutural para desenvolver o que se chama tecnicamente pelo Mintur de “produto turístico Camagüey”. Sem contar que a cidade teria mais atenção das práticas de governança do Mintur, com a introdução de políticas de *desenvolvimento*, que incluiria investimentos financeiros, visando *melhorar seu valor turístico*.

Nesse sentido, as *ciudades de paro* são identificadas como polos turísticos e as *ciudades de paso* possuem potencial para ganharem notoriedade internacional e passarem a ser consideradas *ciudades de paro*. Para os camagüeanos com quem interagi, esse feito traria mais efeitos positivos do que negativos, tendo em vista que a vinda de mais turistas injetaria mais dólares na economia, incrementaria o setor turístico e, como exposto anteriormente, alimentaria outras cadeias de produção, distribuição e consumo a ele relacionadas, ajudando, desse modo, a superar a crise econômica pós-pandemia no setor turístico local.

Por outro lado, nada me foi apontado no sentido de que com o ingresso de mais dólares americanos circulando nas casas e nos mercados, a taxa de inflação sofreria alterações, para melhor ou para pior. No cenário em que parti de Camagüey, a constante diminuição do poder de compra do peso cubano frente ao dólar americano era fruto de preocupações diárias, tanto para a economia doméstica como para a economia do negócio, a qual compreendo como o amálgama casa-negócio.

Assim, os *cuentapropistas* com quem pesquisei estavam ansiosos que seu poder de compra pudesse ser aumentado aos níveis pré-pandêmicos, aumentando, portanto, o poder de negociação junto ao Estado e aos fornecedores de itens utilizados em maior escala nas *casas de renta*, como roupas de cama, objetos de decoração, itens de higiene pessoal em miniaturas (chamados de *amenidades*), entre outros.

Eles não pareciam estar esperançosos que a melhoria do *valor* do seu trabalho viesse da revalorização do peso cubano, então apostavam no aumento na aquisição de dólares por meio da atividade turística internacional como solução mais plausível para a “dinamização da economia”. Eles poderiam melhorar suas *rentas*, por meio de reformas e ampliações, e o atendimento aos hóspedes, ao oferecer serviços como o de alimentação, contratar funcionários (normalmente familiares), alimentando, assim, relações com outros sujeitos vinculados a regimes econômicos diversos.

Segundo dados que coletei diretamente com o Mintur, em agosto de 2023, a cidade de Camagüey possuía 395 *casas de renta*. Com existência de variados perfis no

questo de sua construção e distribuição geográfica na área do centro histórico. Há uma grande divisão entre *casas*: aquelas que são totalmente independentes dos trabalhadores *cuentapropistas*, também chamadas de *apartamientos*, e unidades de habitação inseridas nas residências dos trabalhadores, chamadas de *habitaciones*. Quando existem mais de duas *habitaciones* em uma *renta*, já podem ser consideradas como *hostels*. No entanto, não deixam de ser consideradas *casas de renta*, pois o que identifica este módulo comercial-habitacional é menos a quantidade e qualidade das *rentas* do que a gestão familiar do negócio, isto é, o amálgama casa-negócio, existindo ou não a contratação de funcionários externos à *casa* e/ou à família.

A mencionada divisão de perfis de habitações traz uma multiplicidade de públicos atendidos pelas *casas de renta*. Por exemplo, *apartamientos* costumam atrair turistas estrangeiros de longa estadia, como hóspedes aposentados, estrangeiros que vieram visitar pretendentes que conheceram na internet e estudantes estrangeiros, este último foi o meu caso. Em Camagüey, a estadia em *apartamento* é uma opção financeiramente mais econômica, pois o pagamento é mensal (não é realizado por diária) e pode ou não incluir incrementos, como Wi-Fi e café-da-manhã, negociados à parte, possibilitam mais privacidade e são equipados com eletrodomésticos que viabilizam o preparo de refeições.

*Habitaciones* costumam ser buscadas por turistas, individualmente ou em grupos, que pernoitam ou passam poucos dias na cidade. Em conversas com meus anfitriões, V. e B., um casal que está no ramo das *casas de renta* desde 2015 e possui uma *habitación* com cozinha e um *apartamento* independente, eles demonstraram que o fato de o hóspede optar pelo *apartamento* e cozinhar cotidianamente as próprias refeições costuma determinar seu poder aquisitivo menor se comparado aos hóspedes que não cozinham. E, dependendo do tipo de turismo buscado, do período do ano (como em datas comemorativas) ou pela personalidade do hóspede, eles podem ser mais ou menos complacentes, por exemplo, oferecendo ou não algumas refeições “por conta da *casa*”.

Isso porque, algumas pessoas, sobretudo aquelas que não conhecem de antemão a realidade cubana, precisam *ahorrar*. Não era a primeira vez que ouvia essa expressão, pois em Havana, D., a anfitriã da *renta* em que me hospedei por poucos dias, já havia me alertado que, em Cuba, “*hay que ahorrar todo*”, é necessário economizar tudo, *o valor das coisas muda*, frequente e principalmente no setor turístico, que utiliza a cotação do dólar americano para oferecer qualquer tipo de serviço associado ao setor.

Em economias internas dolarizadas, o dólar se valoriza à medida que a moeda local, no caso de Cuba, o peso cubano ou *moneda nacional* (CUP) se desvaloriza. Nesse sentido, a noção de *ahorro* sinalizava para um modo de significar as práticas econômicas diárias, indicando a existência de um regime econômico próprio produzido para manejar ao longo dos regimes econômicos institucionais, domésticos, turísticos, entre outros que se sobrepunham.

## **Nota 2: economias internas, dolarização e *ahorro***

Sair do Brasil, seja para qual finalidade for, implica na realização de troca de moedas, e, em muitos casos, de investimento pessoal na comunicação, via apropriação de um idioma estrangeiro (ainda que não necessariamente um idioma incompreensível, como, por exemplo, nos tipos de língua portuguesa faladas nos países lusófonos). Por exemplo, se você está saindo do Brasil e viajando até Portugal a passeio, será necessário trocar uma quantia em real por euro, em espécie, obrigatoriamente<sup>5</sup>. Nesse caso, a troca pode ser realizada tranquilamente em uma casa de câmbio na cidade de onde está partindo, você pode solicitar o envio do malote até sua localização, ou pode realizar a troca ao chegar no aeroporto de partida, isto é, ainda em território brasileiro. No entanto, quando viajamos para um país cuja moeda não está disponível nas casas de câmbio do local de partida, a operação é distinta.

Os preparativos para passar alguns dias ou semanas em Cuba incluem trocar reais por dólares americanos, ou por euro, e, apenas eventualmente, por dólar canadense (este último aceito, sobretudo em alguns estabelecimentos em Havana e em cidades turísticas como Varadero e Viñales). No caso da minha viagem de campo, que duraria cerca de 5 meses, o caminho seria mais complexo. Isso porque não há meios de receber transferências em reais e, em caso do recebimento de remessas em dólar<sup>6</sup>, não haveria meios de conseguir sacar o dinheiro, por não ser possível a estrangeiros abrir uma conta bancária sem passar por uma série de trâmites burocráticos e filas intermináveis.

Ainda assim, a taxa de câmbio oficial, de 1:124 (1 dólar valendo 124 pesos cubanos), e os impostos abatidos, seria desfavorável. Ao pesar tais desafios, inferi que seria melhor levar todo o dinheiro possível e tentar *economizar*, tendo em vista o

---

<sup>5</sup> Apesar da existência de um acordo de cooperação internacional entre o Brasil e Portugal, para livre circulação dos respectivos nativos em quaisquer dos países, a entrada de um estrangeiro em um país membro da União Europeia, implica no porte de certa quantia de euros, ressalvadas as exceções previstas nos acordos e legislações específicas.

<sup>6</sup> Para fins de simplificação, a partir daqui utilizarei a palavra dólar para me referir a dólar estadunidense.

inflacionamento diário dos produtos básicos que precisaria consumir durante a estadia, o acesso à Wi-Fi da hospedagem e o valor mensal da estadia, que, após o primeiro mês, seria cobrado em dólares.

Além do dinheiro em espécie, USD 1.500<sup>7</sup>, levei, ainda, dois cartões de débito internacionais, item imprescindível para conseguir comprar nas lojas MLC. No entanto, estes cartões precisam ser do tipo *global account* e oriundos de instituições não sediadas nos EUA. Assim, um dos cartões que levei ficou inutilizado, por não preencher este último requisito. Explicando brevemente sobre as lojas MLC, trata-se de estabelecimentos comerciais estatais (com participação societária com empresas estrangeiras), semelhantes a lojas de conveniência, onde opera o MLC, *moneda libremente convertible*, em tradução livre, moeda livremente conversível. O MLC é uma moeda virtual, criada em 2021 pelo governo cubano em substituição ao *peso cubano conversível* (CUC), com o intuito de manter os preços dos produtos ali vendidos equiparados em todas as lojas do país (MESA-LAGO, 2021)<sup>8</sup>.

Nessas lojas, 1 unidade de MLC equivale a 1 dólar ou 1 euro, para estrangeiros que pagam com cartão de crédito ou de débito (por ser variável segundo o país de origem, não estou contando com a cobrança da taxa de impostos dos sistemas de conversão, o IOF e o VET, no caso do Brasil). Portanto, ao pesquisar algum produto em uma loja MLC, observamos que o valor cobrado está em MLC. Por exemplo, em 2023, uma garrafa de 500 ml de água mineral sem gás custava em todas essas lojas 0,50 MLC, o que, na prática, equivalia a 0,50 dólares ou euros debitados.

Nas lojas MLC são ofertados produtos industrializados importados de outros países, sobretudo da Europa, América Latina e alguns países asiáticos e árabes. Itens de higiene pessoal, maquiagem, produtos de limpeza, alguns itens alimentícios, como arroz empacotado, molhos envasados e alimentos enlatados, passando por roupas e até mesmo eletrodomésticos e bicicletas. Ao longo dos meses em Camagüey, observei que produtos que chegam nas lojas MLC a preços atrativos ficam rapidamente fora de estoque, provocando desabastecimento em questão de dias, às vezes horas. Comumente essa situação é provocada por dois fatores: 1. a prática da estocagem de alimentos não perecíveis por parte de cubanos e estrangeiros residentes que têm acesso a cartões de

---

<sup>7</sup> A cotação do câmbio do real para o dólar naquele momento, incluindo taxas de câmbio e IOF, estava 1:5,45, portanto, troquei USD 1.500 por R\$ 8.175,00.

<sup>8</sup> Carmelo Mesa-Lago (2021) tem investigado vários aspectos da economia cubana ao longo de décadas de pesquisa, sendo a transição monetária um dos seus pontos atuais de análise.



débito contendo dólares ou euros; e 2. por donos de MIPYMEs<sup>9</sup>, que reabastecem suas *tiendas* privadas com os itens mencionados e as revendem em CUP, também chamada *moneda nacional* (MN) conforme informado nas prateleiras.

Na primeira semana em Camagüey, segunda-feira, 4 de abril, comentei com minha anfitriã, V., que havia visto pacotes de 1kg de arroz na loja estatal El Encanto, então, esta me sugeriu que já comprasse a quantidade que iria precisar durante toda minha estadia e assim fosse *ahorrando*, pois poderia voltar lá e não haver mais. Ao saber que havia arroz na *tienda* estatal, V. me falou que repassaria aos seus parentes e amigos próximos essa informação e que se tivesse dinheiro no seu cartão MLC, seguramente iria comprar alguns pacotes. Argumentei haver muitos pacotes e iria comprar logo que entrasse dinheiro no meu cartão de débito, no quinto dia útil do mês.

Estava aguardando o pagamento da bolsa de estudos ser efetivado na minha conta brasileira e a cotação do dólar baixar, para fazer a conversão e adicionar dólares em um dos cartões de débito, pois já havia feito umas pequenas compras em outra loja, La Manzana, na qual adquiri algumas garrafas de água. Esta compra me custou USD 1,50 (o Valor Efetivo Total - VET<sup>10</sup> da transação, do dólar em relação ao real, na época foi de 1:5,27), e já havia gasto USD 17 comprando o chip local na Etecsa<sup>11</sup> e, anteriormente, USD 25 com o pagamento da inscrição em um evento que iria participar na universidade. Acabei retornando a *tienda* Encanto apenas na sexta-feira, ao que constatei não haver mais 1 quilo sequer de arroz.

Com essa experiência, pude começar a compreender que *ahorrar* seria mais do que uma operação financeira, fazia parte de uma complexa teia de considerações econômicas, que deveriam ter em conta algumas operações básicas que a economia clássica não necessariamente tangenciaria.

Como, por exemplo, a existência do produto em estoque, o conhecimento de que tal produto havia chegado às *tiendas*, se havia filas na *tienda* em questão (este era um bom indicativo de que havia chegado em estoque um item de primeira necessidade), em qual das *tiendas* as filas estavam menores, se os preços estavam *bons* ou *ruins*, se

---

<sup>9</sup> Segundo o Decreto-Ley n.º 46/2021 - as *Micro, pequeñas y medianas empresas* (MIPYMEs) são “aquellas unidades económicas con personalidad jurídica, que poseen dimensiones y características propias, y que tienen como objeto desarrollar la producción de bienes y la prestación de servicios que satisfagan necesidades de la sociedad” (MINISTERIO DE JUSTICIA, p. 2710).

<sup>10</sup> O Valor Efetivo total (VET) representa o custo de uma operação de câmbio em reais por moeda estrangeira, incluindo a taxa de câmbio, as tarifas e tributos incidentes sobre essa operação, como *spread*, IOF e taxa SWIFT.

<sup>11</sup> ETECSA, Empresa de Telecomunicaciones de Cuba S.A., é a empresa estatal responsável por oferecer os serviços de telecomunicações que operam no território cubano.

havia limitação de aquisição de itens (se houvesse esse tipo de limitação significava que o preço cobrado por aquele item estava *bom*), qual o melhor horário para se enveredar nas filas para garantir a compra no mesmo dia, uma constante busca nas lojas para olhar o que *sacaran*<sup>12</sup>, repassar esse conhecimento às pessoas mais próximas para que também se beneficiassem ou mesmo comprar para elas ou pedir que comprem (algo mais comum entre familiares e amizades muitíssimo próximas), e muitas outras considerações, como aquelas relativas à existência ou não de MLC na conta, definida, sobretudo, a partir das datas de recebimento de remessas dos parentes migrantes ou, no caso específico dos trabalhadores de *casas de renta*, do embolso de sites de reserva, principalmente do Airbnb.

Percebi haver avaliado de forma etnocêntrica, nesse primeiro momento o funcionamento das *tiendas*, imaginando que funcionariam como os mercados no Brasil, em que há a segurança da existência de produtos básicos, como arroz, feijão, carne, ainda que os preços possam flutuar de um mês para outro, e, ainda que precisemos economizar a depender da situação da economia interna do país, baseado no valor monetário do salário e da moeda nacional. Entretanto, esse contratempo permitiu com que nas primeiras semanas em campo eu pudesse começar a compreender os significados de transformações econômicas que me nortearam teoricamente antes da pesquisa de campo.

Mais do que o regime econômico hegemônico – socialismo cubano –, as práticas de governança de transição econômica – como o desenvolvimento do *cuentalpropismo*, em 1993, a sua extensão ao turismo internacional, em 1997, a unificação da moeda e a reabertura do turismo internacional, em 2021 –, as relações externas instáveis e duráveis entre os governos cubano e estadunidense – com a flexibilização e o recrudescimento do bloqueio econômico imposto pelo Estado estadunidense e variação nos fluxos migratórios tecendo parentalidades entre os dois países – poderiam informar, a economia do *ahorro*, permeada pelos circuitos dos dólares americanos e dos pesos cubanos, seus meios de acesso e formas e temporalidades mais adequadas de uso no cotidiano dos trabalhadores das *casas de renta* mostram como esses sujeitos têm se implicado na atividade econômica e criado meios profícuos de interagir e definir regimes econômicos alternativos.

---

<sup>12</sup> “*Qué sacaran allí?*” era uma expressão muito ouvida quando avistávamos filas em algumas das *tiendas* MLC. Às vezes, a resposta era “*no sé, pero debe ser algo*” ou alguma de suas variações, em referência à constatação de que se havia filas era porque havia algo com preço *bom*, mesmo que a pessoa na fila não soubesse o que nem quanto custava.

Além disso, o amálgama casa-negócio é um indicador importante nesse cenário, pois a economia do *ahorro* é orientada heterogeneamente pelas habilidades teóricas e práticas econômicas dos *cuentapropistas*. Aqueles que entrevistei recorriam a cartilhas e fizeram cursos organizados pelo *Sindicato Provincial de Hotelería y Turismo* e/ou oferecidos pelo Mintur local sobre gestão do negócio, alguns eram graduados em ciências econômicas ou administração, empregavam processos de precificação orientados (ou não, conforme seus objetivos conjunturais) ao mercado e aplicavam formas de competição, como as reformas nas *casas*, com o intuito de torná-las mais atrativas aos turistas.

Ao mesmo tempo, utilizavam suas percepção oriundas da gestão doméstica, que incluía, por exemplo, a rede de comunicação entre familiares e amigos sobre entradas e preços dos produtos nas *tiendas* estatais e privadas, trocas cambiais com cambistas com quem estabeleciam relações de confiança<sup>13</sup>, alocação do dinheiro recebido por remessas internacionais entre a casa e a *casa*, entre outros.

Nesse sentido, seguir as linhas da economia do *ahorro* nos dá pista de como compreender a economia em transição e transformações econômicas a partir de descontinuidades cronológicas, admitindo que não existe um crescente, tampouco existe um apogeu nem ponto de virada, senão virtualmente didático, para avaliar como se efetivam as transformações, como se dão as coisas entre discursos e práticas.

A ideia de fios e emaranhados parece ser uma imagem plausível para ilustrar o campo, ao privilegiar a feitura dos múltiplos sujeitos e adicioná-la múltiplas escalas, conseguimos ver o mundo em movimento. Ao “mudar o foco de objetos prontos para processos de geração e dissolução” (INGOLD, 2015, p. 260), tive o benefício de admitir de antemão que transformações ocorrem somente em movimento, pois “ao fabricarem coisas os participantes vinculam os seus próprios caminhos ou linhas de devir à textura do mundo” (Ibid., p. 260).

Assim também, através da economia do *ahorro* emergem cenários de conflitos e soluções e ambivalências em torno de quem possui acesso ao dólar e como ocorre a utilização simultânea da moeda local e estrangeira, quais valores operam nessas trocas e como esses intercâmbios podem comunicar sobre o que seria o modelo de transição socialista cubano e projetar sobre o porvir, isto é, sobre o “pós-socialismo”.

---

<sup>13</sup> É expressamente ilegal para pessoas físicas ou jurídicas privadas realizar operações de trocas de moeda, pois esta é uma prerrogativa exclusiva do Estado. Na prática, coexistem mercados paralelos de câmbio, os quais se presentificam na atualidade também por meio da internet, como os grupos *Revolico* nos aplicativos WhatsApp e Telegram.

Considerando os sujeitos nesse emaranhado de relações – residentes das casas e *cuentapropistas* das *casas*, outros trabalhadores relacionados direta ou indiretamente ao contexto do turismo internacional, Estado cubano, Estados estrangeiros, turistas estrangeiros, as *casas de renta* em si, pesos cubanos, dólar, crises –, jogo luz a como, ao apreender como os discursos e materiais são apropriados pelos atores, visibilizando o cenário da diversidade econômica em curso em Cuba.

### **Considerações finais**

Na minha chegada em campo, fui recepcionada por uma simpática senhora chamada D., em uma *casa de renta*, em Havana. Fiz a reserva por meio da plataforma online Airbnb, com pagamento em reais, efetivado com o uso do cartão de crédito. Cheguei na casa de D., vinda do aeroporto internacional de Havana, por volta das 15:00. D. me recepcionou com toda a habilidade de quem já estava no ramo do turismo não estatal há muitos anos. Logo me serviu um café na sala de visitas, pediu que eu aguardasse para confirmar se meu quarto já estava pronto e em seguida conversou comigo bem diretamente, tendo em vista o adiantado da hora: “¿Quieres cambiar tus dólares?”. Eu já sabia de antemão que precisaria trocar meus dólares, e sabia também que não seria na casa de câmbio o *mejor* lugar para negociá-los.

O que eu não imaginava é que a própria anfitriã ofereceria logo na minha chegada. Ela me advertiu que não costumava oferecer o serviço de troca de dólares por pesos cubanos para qualquer pessoa, mas como estava indo para estudar (como pontuei, a motivação da viagem deixava subentendida minha situação financeira considerada frágil), era uma mulher jovem, brasileira (latino-americana), estava sozinha e iria me deslocar longas horas até Camagüey em alguns dias, viu que poderia ajudar de *algum modo*. Como as trocas cambiais não fazem legalmente parte do trabalho privado, traduzi aquela oferta como um convite para adentrar num “jogo absorvente” (GEERTZ, 2008), no qual o modo de me ajudar seria negociando comigo, me auxiliando na troca, e não me deixando trocar dinheiro nas ruas.

Agradei-lhe muito e pedi sua orientação, que me indicou trocar entre 100 e 150 dólares, pois a cotação estava *boa* para compra naquele momento, estava 1:170. Em Camagüey certamente a cotação seria outra, e era melhor já chegar com alguns CUP por lá. Assim, decidi trocar 100 dólares por 17.000 CUP. Disse a D. que iria almoçar e esta me informou que iria ligar para sua amiga que trabalha como cambista, e, ao retornar, já teria os CUP para mim. Assim foi feito, ao chegar do almoço, os maços de cédulas já

estavam todos dispostos, com notas variadas, conforme havia pedido. D. e a senhora cambista pediram que eu conferisse todo o dinheiro e, ao terminar, entreguei 5 cédulas de 20 dólares, e recebi 17 maços de 1.000 CUP contendo *billetes* variados, a maioria de 100 e 50 CUP.

A leitura de D. sobre minhas condições econômicas não poderia ser mais certa. Ainda no Brasil, antes da viagem, visando a me prevenir das flutuações do dólar estadunidense com relação ao real, avaliava frequentemente a cotação para compra, tanto nas cidades de Fortaleza, quanto Brasília, pois havia uma diferença de cerca de R\$ 0,50 entre a média da cotação do dólar estadunidense das casas de câmbio em ambas as cidades.

Ao final, uma semana antes do embarque, decidi que seria o melhor momento para comprar, contatei as principais casas de câmbio em Fortaleza e fechei negócio com uma delas, com o adendo de que as cédulas não fossem maiores que USD 20. Esse detalhe foi de grande valia, pois me possibilitaria não depender de trocos e passar por possíveis “enganos” ao fazer transações com prestadores de serviço, assim como facilitaria as trocas entre dólar e pesos cubanos sem que eu ficasse transportando grandes volumes de cédulas, algo que não fazia há muitos anos, desde que passamos a usar cartões de débito e crédito no Brasil, e, ainda mais, desde o advento do pix<sup>14</sup>.

Sem sequer desconfiar, só depois, analisando meus cadernos e diários de campo meses após meu retorno, percebi que foi exatamente a percepção da minha situação financeira por parte dos meus anfitriões de pesquisa que me colocou, em campo, em uma situação privilegiada para a pesquisa. Ao conversar com os trabalhadores das *casas de renta*, colegas da universidade em Camagüey e outras pessoas que conheci ao longo desse período, buscando por dicas para economizar, a realidade que se experimentei foi de uma vida simples e atravessada pelas intempéries de estar fazendo pesquisa em *casas de renta* no período da baixa estação em uma cidade do interior cubano.

Assim fui aprendendo a navegar no idioma e economia do *ahorro* naquele contexto, entendendo as aproximações e descontinuidades com as minhas experiências econômicas e a dos anfitriões, e me vi participando de debates e atitudes econômicas em

---

<sup>14</sup> Implementado em 05 de outubro de 2020 no sistema bancário brasileiro, o pix é “o pagamento instantâneo brasileiro. O meio de pagamento criado pelo Banco Central (BC) em que os recursos são transferidos entre contas em poucos segundos, a qualquer hora ou dia. É prático, rápido e seguro. O Pix pode ser realizado a partir de uma conta corrente, conta poupança ou conta de pagamento pré-paga.”. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/estabilidade/financeira/pix>>. Acesso: 09 jul. 2024.

torno de seu circuito, sem tecer análises prévias da macroeconomia, mas encontrando no cotidiano as linhas que seriam costuradas ao retornar, no processo de bricolagem da etnografia.

Formando uma complexa rede de discursos e experiências entre seus agentes – sujeitos e coisas –, esse emaranhado de formas econômicas em florescimento e disputas de poder condizem com o que Kelly Silva, Lisa Palmer e Teresa Cunha (2023) denominam *ecologias econômicas*. Sua contribuição para o entendimento de que considerar o convívio entre diferentes espécies de noções e práticas econômicas, dispostos ao longo de um meio ambiente englobante, operam como forças interdependentes entre agentes, contrapondo a ideia de um sistema único-hegemônico que imporia seu modo de funcionamento a todos os circuitos que permeia. Desse modo, seria impreciso afirmar que no contexto das *casas de renta* em Camagüey opera um único regime econômico, ou mesmo uma única razão econômica.

As práticas econômicas desempenhadas pelos *cuentapropistas* a partir do trabalho e da moradia nas *casas de renta* são afetadas por e respondem a esse emaranhado conjuntural e, concordando com Eugênia Motta, “colocá-la[s] no centro da análise permite conferir inteligibilidade às relações entre as pessoas e delas com os espaços, os objetos e o dinheiro. A casa física, sob esta perspectiva, é um dos elementos em um arranjo complexo de relações” (2016, p. 198). No universo das *casas de renta* em Camagüey, as decisões governamentais, as suas relações comerciais e diplomáticas são também fonte de cálculos e deliberações diários que fazem parte da rotina dos sujeitos que se relacionam nas e por meio das *casas*, sobretudo, compreendendo os usos do dinheiro e das diferentes moedas nas diferentes esferas que permeiam muitos dos momentos dessas relações.

Nesse sentido, em temporalidades e historicidades complexas como a apresentada, é fundamental dar atenção aos agenciamentos empreendidos pelos diversos agentes, a partir das heterogeneidades e aproximações em torno das noções de economia presentificadas. Estas engendram práticas sociais que constituem e se relacionam entre si como regimes alternativos, elaborando ecologias econômicas. Fundamental também é reconhecer que essas relações estabelecem tensões e ambivalências, são reproduzidas a partir de disputas de poder, gerando forças resultantes que, em maior ou menor grau, influenciam as demais e não estão imunes de elaborarem desigualdades e muito frequentemente desequilíbrios.

Assim, observar os fenômenos de transformações macroeconômicas desde sua

perspectiva microsocial nas *casas de renta* em Camagüey ofereceu uma gramática, a da economia do *ahorro*, para compreender sua materialidade na vida diária dos sujeitos, trabalhadores *cuentapropistas*, e como, naquele universo, são concebidas percepções, respostas e manejos desde o potencial local e suas singularidades socioculturais. A partir desse trabalho, considerar a agência e os modos de manejo e superação dos grupos locais pode estabelecer conexões entre as mudanças macropolíticas e macroeconômicas que contribuam para o entendimento das transformações econômicas em regimes hegemônicos de transição.

## REFERÊNCIAS

- GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. *In: \_\_\_\_\_. A interpretação das culturas*. 1 ed., 13ª reimpressão, Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.
- INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- LARA, Zulema Escalante. ¡No me da la cuenta! Estrategias económicas de las familias habaneras frente al Periodo Especial. **Revista de antropología**, [Lima], n. 6, p. 23-46, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A ciência do concreto. *In: \_\_\_\_\_. O pensamento selvagem*. Tradução: Tânia Pellegrini. 8ª ed. Campinas: Papyrus, [1989], 2008.
- MESA-LAGO, Carmelo. La unificación monetaria y cambiaria en Cuba: normas, efectos, obstáculos y perspectivas. **Real Instituto Elcano de Estudios Internacionales**, Documento de Trabajo, v. 2, Madrid, 2021.
- MINISTERIO DE JUSTICIA. **Gaceta Oficial No. 94 Ordinaria**, de 19 de agosto de 2021, República de Cuba, 2021.
- MINISTERIO DEL TRABAJO Y SEGURIDAD SOCIAL. **Preguntas y respuestas relacionadas con la mejora del trabajo por cuenta propia**. [s. l.], 2023. Disponível em:  
<<https://www.mtss.gob.cu/descargas/preguntas-y-respuestas-nuevas-disposiciones>>.
- Acesso: 25 mai. 2024.
- MOTTA, Eugênia. Casas e economia cotidiana. *In: RODRIGUES, Rute Imanishi (Org.). Vida social e política nas favelas*: pesquisas de campo no Complexo do Alemão. Rio de Janeiro: IPEA, 2016.

OFICINA NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMACIÓN [ONEI]. **Anuario Estadístico de Cuba 2021**, La Habana, 2022.

PAVY, Flore. The doble moneda: A multi-site ethnography of monetary practices in Cuba. **L'Homme - Revue française d'anthropologie**, [Aubervilliers], v. 242, n. 2, p. 57-90, 2022.

RUXANDRA, Ana. Bailarín, bailador, callejero, inflador: being/becoming professional on Cuba's dance scene (an ethnographic approach). *In*: HOFFMANN, Bert (ed.). **Social policies and institutional reform in post-COVID Cuba**, Opladen: Verlag Barbara Budrich, 2021.

SACCHETTI, Elena. "Para vivir, hay que seguir inventando, mi hermano". La experiencia de la microempresa en Cuba. **AIBR: Revista de Antropología Iberoamericana**, v. 4, n. 2, p. 173-203, 2009.

SCARPACI, Joseph L. The emerging food and Paladar market in Havana. *In*: Cuba in Transition. **Papers and proceedings of the Fifth Annual Meeting of the Association for the Study of the Cuban Economy (ASCE)**, v. 5, p. 74-84, Miami/Florida, 1995.

SILVA, Kelly; PALMER, Lisa; CUNHA, Teresa. Introduction. *In*: SILVA, Kelly; PALMER, Lisa; CUNHA, Teresa (ed.). **Economic diversity in contemporary Timor-Leste**. Leiden: Leiden University Press, 2023.

SIMONI, Valerio. From tourist to person: the value of intimacy in touristic Cuba. *In*: CROSSLEY, Émilie; PICARD, David (Eds.). **Regimes of value in tourism**. London: Routledge, 2017.

SIMONI, Valerio. Business, hospitality, and change in Cuba's private tourism sector: a view from casas particulares in Viñales. **Tourism planning & development**, n. 15, p. 293-312, 2018.

VASCO, Melsequisete Daniel *et al.* Resposta de Cuba e Uruguai no enfrentamento à pandemia de COVID-19. **Ciência & saúde coletiva**, v. 28, p. 3631-3641, 2023.